

DOCUMENTAÇÃO

Universidades de elite ou rebanho de excelência

A universidade é uma etapa chave no processo de amadurecimento pessoal, e não simplesmente um lugar onde se aprende uma profissão e se adquirem conhecimentos. É a tese que defende William Deresiewicz num longo artigo que no último verão se converteu no mais lido na história da revista "The New Republic" ("Don't Send Your Kid to the Ivy League", 21.7.2014). "Não envie o seu filho para a Ivy League", é pois o título contundente deste artigo, abrindo um debate sobre o tipo de educação e a seleção de alunos nas universidades mais prestigiosas.

O artigo de Deresiewicz na "The New Republic" é uma dura crítica às universidades de elite norte-americanas, cujo ambiente ele conhece bem. Passou 24 anos na Ivy League: licenciou-se e doutorou-se na Universidade de Colúmbia e, a seguir, foi professor de língua inglesa durante dez anos em Yale. Agora trabalha como articulista, escritor e crítico literário. O seu artigo é um extrato do seu livro recém-publicado com o expressivo título: "Excellent Sheep: The Miseducation of the American Elite and The Way to a Meaningful Life", Free Press (2014).

Forjar a identidade própria

Deresiewicz concebe a universidade como um espaço de liberdade no qual os estudantes aprendem a construir a sua vida com critérios próprios. "A universidade serve, em primeiro lugar, para ensinar-te a pensar. E isso não consiste somente em desenvolver as competências mentais próprias de cada disciplina. A universidade é uma oportunidade para que te situes fora do mundo durante algunos anos, entre a ortodoxia da tua família e as exigências do trabalho, e aprendas a contemplar as coisas de forma distanciada".

Mas aprender a pensar é apenas o primeiro passo, esclarece Deresiewicz. "Há algo em particular sobre aquilo que deves pensar: como construir o teu eu". E o eu não é algo que se tem sem mais nada: é necessário "estabelecer comunicação entre a mente e o coração, entre a mente e a experiência", pois apenas assim "virás a converter-te num indivíduo, num ser único: numa alma". A missão da universidade é ajudar nesse

processo, através "dos livros, das ideias, das obras de arte e do pensamento, da pressão das mentes que tens à tua volta e que estão em busca das suas próprias respostas e dos seus próprios caminhos".

"As universidades de elite fazem gala em afirmar que ensinam a pensar os seus estudantes. Mas, na realidade, o que querem dizer, é que os preparam nas competências analíticas e retóricas necessárias para triunfar nos negócios e no mercado laboral. Tudo é tecnocrático".

Repensar o sucesso

Aqui entra em cena um dos conceitos mais banalizados nas universidades de elite: a liderança. "Ser um estudante brilhante consiste em deixar-se recordar constantemente que tens de pensar em ti como um futuro líder da sociedade. Mas aquilo que estas instituições entendem por liderança não é outra coisa a não ser chegar ao topo. Nomearem-te sócio de um importante escritório de advogados ou conseguires ser um CEO [de uma empresa]; alcançares o topo de qualquer hierarquia que te proponhas subir".

A ironia desta situação é que "aos estudantes de elite é dito que podem ser o que quiserem, mas a maioria acaba por optar entre uma minoria de profissões similares". Deresiewicz ilustra com um exemplo: em 2010, cerca de um terço dos licenciados nas universidades de maior prestígio, incluindo Harvard, Princeton e Cornell, optou por se dedicar às finanças ou à consultadoria.

Esta conceção da liderança leva inclusivamente a "considerar fascinante que alguém deixe os seus estudos numa universidade de elite para se converter no próximo Mark Zuckerberg, e ver como ridículo que alguém os termine para se converter num trabalhador social".

Mas, pelo menos, as aulas nas universidades de elite terão rigor académico, não é verdade? Não necessariamente, diz Deresiewicz. "Em ciências, costumam tê-lo; noutras disciplinas, não tanto. Há exceções, desde logo, mas professores e estudantes estabeleceram aquilo que um observador designava por 'um pacto de não agressão'. Os alunos são encarados pela instituição como 'clientes', pessoas que devem ser mimadas, em vez de lhes serem apresentados desafios.

Os professores são recompensados pela sua investigação, pelo que optam por dedicar às aulas o menor tempo possível. (...) O resultado é constituído por notas altas para trabalhos medíocres”.

Tão brilhantes, tão inseguros

A principal crítica de Deresiewicz contra a Ivy League é que as suas universidades criaram um processo de admissão tão seletivo e um sistema de ensino tão pragmático, que a passagem por elas, acaba por privar muitos dos seus ultra qualificados alunos da paixão pela vida e pelo conhecimento. O que conta para entrar é um CV cheio de lustre: estudos, dois idiomas, um desporto, um instrumento musical, e inclusivamente – porque não? – algum voluntariado que dê uma nota social ao conjunto.

“O nosso sistema de educação de elite fabrica jovens inteligentes, empreendedores e talentosos, sim, mas também inquietos, retraídos e confusos; com pouca curiosidade intelectual e com determinação atrofiada; aprisionados numa bolha de privilégios, dirigindo -se mansamente na mesma direção; triunfantes no que fazem, mas sem saber por que o fazem”.

Da sua experiência na Ivy League recorda muitos jovens brilhantes e criativos, com os quais dava gosto falar. Surpreendia-o que depois se limitassem a cumprir o papel que os outros tinham pensado para eles. “Muito poucos se apaixonavam com as ideias e encaravam a universidade como parte de um projeto mais amplo de descoberta e desenvolvimento intelectual”.

“Os critérios de admissão nestas universidades de elite são tão extremos que os que conseguem passar o filtro são quem, por definição, não experimentou outra coisa a não ser o sucesso. A simples ideia de não triunfar aterroriza-os, desorienta-os (...). Uma aluna de Pomona (Califórnia) disse-me uma vez que gostaria imenso de ter mais tempo para refletir sobre o que estava a estudar. Perguntei-lhe se havia admitido a hipótese de não vir a obter a nota máxima em todas as cadeiras. Olhou para mim como se lhe tivesse feito uma proposta indecente”.

Outra estudante escreveu-lhe para queixar-se dos efeitos que produziu Yale no seu noivo: “Antes de começar a universidade, dedicava muito tempo a ler e a escrever contos curtos. Três anos depois, tornou-se inseguro, preocupado com coisas pelas quais os meus companheiros da universidade pública nem sequer estremecem: que se comer sozinho é um estigma, ou se dedica tempo suficiente para criar uma rede de contactos”.

Talvez o que melhor resume o artigo de Deresiewicz seja o motivo que levou a amiga de uma das suas estudantes a deixar Yale. Foi-se embora, porque a universidade “conseguiu sufocar essa parte de nós mesmos que costumamos designar por alma”.

Conhecimento acima de tudo

Steven Pinker, professor de psicologia em Harvard, participou outras vezes em polémicas suscitadas na revista “The New Republic” (“Las humanidades pierden alumnos en la universidad”, “Aceprensa”, 4.12.2013). Por isso, fica contente pelo artigo mais lido na história desta publicação versar precisamente sobre as universidades de elite, assunto que a ele também lhe toca de perto.

Na sua réplica “The Trouble With Harvard”, na mesma “The New Republic” (4.9.2014), Pinker denuncia como errada a ideia de universidade defendida por Deresiewicz. “Talvez eu seja um exemplo representativo de tudo o que anda mal na educação de elite norte-americana. Mas não faço a mínima ideia de como ajudar os meus estudantes a construir um eu ou uma alma”.

Na opinião de Pinker, a missão da universidade é muito mais concreta. Consiste, em primeiro lugar, em adquirir conhecimentos: desde as leis básicas que regem o mundo físico, até aos factos mais relevantes da história, passando pelos sistemas de crenças, pelas culturas, pela arte ou pelas razões de ser da democracia.

Na parte superior desse conhecimento, situa hábitos de racionalidade: a capacidade de expressar com clareza ideias complexas; o conhecimento objetivo; o raciocínio lógico; a falibilidade humana, própria e alheia, que nos previne de tratar os discordantes como inimigos; a arte da persuasão.

“Acho (e considero que posso persuadir o outro disso) que quanto mais profundamente uma sociedade cultive este conhecimento e esta forma de pensar, mais irá prosperar. (...) Assentar as bases em apenas quatro anos parece-me um desafio formidável. Se além de tudo isto, os estudantes quiserem construir um eu, podem fazê-lo nos seus tempos livres”.

Outro tema suscitado por Deresiewicz no seu artigo, é que o atual sistema de seleção nestas universidades agrava a desigualdade e atrasa a mobilidade social. E apresenta números: “Em 1985, 46% dos novos alunos dos 250 *colleges* mais seletivos provinham dos 25% com maior rendimento; no ano 2000, eram 55%. Em 2006, somente 15% dos estudantes destes *colleges* seletivos vinham da metade inferior da escala de rendimento. Quanto mais prestigiada é a universidade, mais desigual é o corpo estudantil”.

Pinker não defende o atual sistema de seleção de alunos, onde o mérito académico é só mais um fator juntamente com muitos outros como participação em desportos e atividades artísticas, viagens realizadas, ativismo social e – mesmo que não se diga – raça e donativos à Universidade. “Em Harvard, é crença comum que a universidade seleciona, quando muito, 10% dos alunos pelos seus méritos académicos”. Pinker preferiria que a seleção se fizesse exclusivamente tendo por base as notas obtidas nos exames normalizados (S.A.T.).

Deste modo, diz, “muitos dos males do atual sistema [de seleção] iriam desaparecer da noite para o dia”.

Se, como afirma Deresiewicz, o seu propósito era lançar um debate, conseguiu-o, ao ponto de ter respondido aos seus críticos num artigo posterior (“Your Criticism of My Ivy League Takedown Further Proves My Point”, “The New Republic”, 16.8.2014). Afirmar ter recebido centenas de *emails* em resposta ao seu artigo. Muitos são de estudantes e recém-licenciados que, na sua grande maioria, lhe agradecem ter verbalizado os seus sentimentos sobre a experiência na universidade.

Os críticos questionam a sua ideia do *stress* psicológico que o sistema cria nos alunos, ou a sua visão da desigualdade na origem socioeconómica dos estudantes. A estes críticos responde-lhes que é verdade que cerca de 50% dos alunos da Ivy League recebem algum tipo de bolsa de estudo ou ajuda financeira. Mas também é verdade que 40% dos alunos de Harvard pertencem a famílias situadas nos 6% de rendimentos mais altos.

Medo de educar o carácter

Para David Brooks (“Becoming a Real Person”, “The New York Times”, 8.9.2014), colunista deste último jornal, o debate entre Deresiewicz e os seus críticos põe em relevo três objetivos possíveis da universidade: um propósito comercial (aprender uma profissão); um propósito cognitivo, o de Pinker (adquirir conhecimento); e um propósito moral, o de Deresiewicz (forjar a si mesmo um eu equilibrado).

Há mais de um século, refere Brooks, a maioria dos reitores e professores universitários teria afirmado que o propósito moral é o mais importante dos três. E seguramente hoje muitos estariam de acordo. O problema é que as pessoas com autoridade renunciaram a explicar as suas ideias sobre esse processo de amadurecimento moral, emocional e espiritual. “A razão pela qual não o fazem é simples: consideram que não é sua tarefa ou, como diz Pinker, que não sabem”.

“O resultado é que as universidades de elite são fortes na sua missão comercial. São bastante fortes na sua missão cognitiva. Mas quando se trata do tipo de crescimento de que fala Deresiewicz... que cada um o consiga por sua conta”.

E conclui: “Diria que Deresiewicz exagera bastante quando fala do grau de decadência moral das universidades de elite. Mas pelo menos recorda o que parece ser a educação moral, um campo que abandonámos”.

J. M.

Como avaliar as melhores universidades

O receio dos *rankings* internacionais de universidades, demasiado centrados na investigação em matéria científica, levou um grupo de especialistas da OCDE a pensar em classificações alternativas que deem um maior peso ao ensino. É aquilo que refere Sean Coughlan na “BBC News” (“What makes a global top 10 university?”, 15.9.2014).

Os resultados do *ranking* “QS World University Rankings”, publicado recentemente, voltou a mostrar que a investigação e a “marca” continuam a ser ativos seguros para entrarem no *top ten* das universidades mais prestigiosas.

A classificação é encabeçada pelo Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT), que está há três anos consecutivos no primeiro lugar deste *ranking*. No resto da tabela, não há grandes surpresas: O Imperial College de Londres e a Universidade de Cambridge ocupam, empatadas, o segundo lugar; a Universidade de Harvard, o quarto; o University College de Londres e a Universidade de Oxford, o quinto; a Universidade de Stanford, o sétimo.

Esta classificação, muito parecida com o “Academic Ranking of World Universities”, realizado pela Universidade Jiao Tong, de Xangai, baseia a maior parte dos seus resultados em três indicadores: 1) O prestígio académico, estimado a partir de um inquérito a 60.000 professores de todo o mundo; 2) A frequência com que os investigadores de uma universidade são citados por outros investigadores; 3) O *ratio* professor/alunos.

Outro *ranking* popular é o do “Times Higher Education” (“THE”), a identificar as 200 melhores universidades do mundo por critérios quantitativos concretos: 1) Que as receitas totais da Universidade envolvem anualmente mais de 750.000 dólares por professor; 2) Que o *ratio* de professor por aluno seja de quase um por cada doze; 3) Que cada professor receba 230.000 dólares anuais para projetos de investigação.

Para Phil Baty, editor do “THE”, gastar muito dinheiro é essencial para “atrair e reter os investigadores de ponta, e para lhes dar os meios de que necessitam”. Daí que sejam um bom indicador do nível de investigação das universidades.

Mas o que se passa com as que se dedicam às disciplinas sociais e humanísticas, cujos fundos para investigação são mais modestos? De que serve a um estudante de história ou de arte consultar *rankings* que estão encurralados por universidades pioneiras em disciplinas científicas?

Estes problemas levaram um consórcio de especialistas, apoiados pela Comissão Europeia, a criar uma classificação alternativa. O novo *ranking* multidimensional europeu “U-Multirank”, que começou a funcionar este ano, permite a qualquer estudante comparar mais de 850 universidades de 74 países de acordo com os indicadores que seleccione.

Um dos especialistas a integrar o consórcio é Andreas Schleicher, diretor de políticas educativas da OCDE e impulsionador do programa PISA no ensino secundário. Schleicher considera que os indicadores utilizados nos *rankings* internacionais de universidades dizem muito pouco sobre a qualidade do ensino. Por isso, anuncia, em breve vai propor aos países da OCDE que adotem um modelo de avaliação de universidades que dê prioridade – na linha dos testes PISA – aos resultados dos alunos.